



Coberturas Jovens – Construção de um Espaço de Participação Juvenil¹

Amanda Nogueira de OLIVEIRA²
Alessandra Oliveira ARAÚJO³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

As coberturas jovens são espaços de participação juvenil onde diferentes jovens têm a possibilidade de produzir e comunicar, tanto presencialmente como por outros ambientes comunicacionais, sua visão sobre o tema debatido em eventos. Outro espaço criado para solidificar esta participação é a Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores e Comunicadoras do Brasil. Hoje, o que se evidencia é que um grande número de jovens tem aprendido a interagir com o maior número de indivíduos a partir das novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC). O presente trabalho vem discutir esse modelo de participação e entender as NTIC como potenciais ferramentas para produção e divulgação de conteúdo por jovens. Para isso, a autora utiliza como metodologias de investigação um levantamento bibliográfico acerca do assunto e a observação participante, por a autora ser uma das integrantes da ideia.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes; Comunicação; Redes sociais; Internet.

MOMENTO DE REPENSAR

Para este trabalho, decidi trazer uma discussão que permeou o meu trabalho de conclusão de curso. Venho dialogar sobre algo muito próximo a mim e a algumas pessoas com quem convivo cotidianamente. Reflito sobre a participação das juventudes em coberturas jovens, assim como a construção destas coberturas e a forma como elas contribuem para a formação de uma rede organizada por adolescentes e jovens de todo o país. O assunto escolhido é algo que suscita em mim uma reflexão quase que diária sobre esta forma de participação juvenil.

Além da participação juvenil no espaço de cobertura jovem, outro assunto que eu trago para a pesquisa, por me suscitar reflexão, é o papel das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) como ambiente comunicacional para a distribuição de produções elaboradas pelos jovens no momento da cobertura, além, claro, da

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de Fortaleza (Unifor), e estudante do curso de Especialização em Teorias da Comunicação e da Imagem, da Universidade Federal do Ceará (UFC), email: olivanog@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professora do Curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza (Unifor), email: aleoliver27@gmail.com.



possibilidade da horizontalidade no processo comunicativo tanto em aspecto presencial, na própria cobertura, como pela internet, com outros jovens.

Dialogar sobre a participação dos jovens na contemporaneidade é entender que espaços são garantidos a eles e por eles. Tendo isso como base, venho analisar nesta pesquisa como o jovem se apropria dos espaços por ele conseguidos. E para discutir sobre a heterogeneidade dos jovens que participam desses espaços, vi a necessidade de trazer uma reflexão sobre a pluralidade das juventudes.

JUVENTUDES E PARTICIPAÇÃO

Seja na infância, na juventude, no período maduro, ou na velhice, há que se considerar que os grupos sociais são complexos, possuindo tanto representantes díspares como similares, evidenciando que seria difícil dizer com precisão que cada grupo social é uniforme e que os indivíduos representantes são de uma forma geral homogêneos nas formas de agir, pensar, relacionar-se e construir perspectivas de vida. Por isso, não seria certo entender as juventudes como grupo social uno, sem complexificar e verificar a pluralidade existente dos representantes, cujos quais são os mais variados, também fazendo parte dos mais variados espaços de interação (GROPPO, 2000). Para este trabalho utilizarei o termo juventudes no plural.

Machado Pais (1993), ao discutir sobre as teorias que abrangem a definição de juventude para a sociologia, prefere citar, em um primeiro momento, o agrupamento das teorias existentes em duas correntes, a *corrente geracional* e a *corrente classista*. Logo após, o autor vem discutir tanto o ponto de vista da corrente geracional, na qual as culturas juvenis são resultado de crises intergeracionais, quando “as descontinuidades entre as gerações se traduzem numa clara tensão ou confrontação” (PAIS, 1993, p.39), como a noção de subcultura, numa relação clara entre dominantes e dominados, ideia relacionada à *corrente classista*, porém, utilizando alguns traços das duas.

Machado Pais (1993) evidencia ser contra a utilização única de uma ou outra corrente, mas estabelece que elas ajudaram a construir o conceito de cultura juvenil, utilizando tanto traços da *corrente geracional* como da *corrente classista*. Com relação a esta última, Machado Pais (1993) esclarece que os processos sociais que afetam os jovens não podem ser sempre compreendidos como simples ou exclusivamente resultante de determinações sociais e posicionamentos de classe. Ainda pelo que cita Pais (1993), esses processos têm que ser compreendidos também, por exemplo, a partir de lógicas de participação relacionados aos diversos sistemas de interação. Em



confronto com a corrente classista, Pais (1993) observa ainda que as trajetórias individuais também são imprevisíveis, assim como o que acontece com a própria vida cotidiana, e que isso é essencial à vida.

Quando me refiro aqui ao termo juventude(s) peço a atenção do leitor à pluralidade da palavra e principalmente aos jovens representados pela mesma. De cada recorte sócio-cultural, seja classe social, etnia, religião, gênero, mundo urbano ou rural, encontram-se diversos indivíduos jovens, com características, símbolos, comportamentos, culturas e sentimentos próprios. Cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é “ser jovem”, contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes (REZENDE *apud* GROppo, 2000). De acordo com MISCHE (1997),

a juventude é um período sensível na formação de identidades, em que as pessoas experimentam várias expressões públicas, procurando reconhecimento no meio de diversos “círculos” (ou redes): família, colegas, escola, trabalho, atividades de lazer e, às vezes, atividade política (MISCHE, 1997, p.139).

Ainda no que diz respeito à construção de identidades, Mische (1997) considera que não é apenas o atributo ou a posição social que determina a construção ou reconstrução identitária, mas também as experiências e orientações sociais dentro de um determinado contexto que criam possibilidades para formas diferenciadas de reconhecimento. Devemos lembrar ainda que as identidades estão sempre em formação.

Hall (2000), quando dialoga sobre o assunto, traz alguns questionamentos quanto ao significado de identidade. O autor esclarece que uma identidade “plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2000, p.13). Ao contrário desta ideia, para Hall (2000), o que há é uma multiplicação de representações culturais e sistemas de significações, que faz com que exista uma multiplicidade de identidades possíveis, as quais poderíamos nos identificar ou não.

De acordo com Regina Novaes e Christina Vital (2005), as juventudes de hoje se diversificam em vários pontos, seja por

orientação sexual, gosto musical, pertencimentos associativos, religiosos, políticos, de galeras, de turmas, de grupos e de torcidas organizadas. Esses recortes, que funcionam como demarcadores de identidades, podem aproximar jovens socialmente separados ou separar jovens socialmente próximos (NOVAES e VITAL, 2005).



Assim como há grupos diferentes marcados por identidades diversas, os jovens também possuem identidades contraditórias, que os fazem se deslocar para rumos opostos ou similares (HALL, 2000). As identificações estão em constante mudança, ocasionadas tanto pela vivência cotidiana, como pela interação com outros grupos e, principalmente, com os meios de comunicação tradicionais ou ambientes comunicacionais, como a internet.

Quanto à participação juvenil nesses, por esses meios e, ainda, por outros canais, já é questão comum, aos mais variados teóricos, a discussão sobre a sua real existência na contemporaneidade. Entre os que citam o período atual, há os que diagnosticam uma potencial crise de participação, comparando épocas diferentes para refutar qualquer ideia que identifique os jovens atuais enquanto seres participativos e mobilizadores.

Porém, existem outros que tecem a juventude enquanto momento de aperfeiçoamento desta participação e de mobilização contínua. Esclarecem que cada período é diferente e que as formas de mobilização também mudam, além de identificarem cada período como singular a qualquer categoria social (NOVAES e VITAL, 2005). O período é visto ainda como época de construção de futuro, de identidades. É um momento de construção da participação dos jovens na vida social, e inserção no mundo do trabalho (NOVAES e VITAL, 2005).

Nos diálogos sobre juventudes e participação muitos são os exemplos retratados. Há os que justificam a participação dos jovens por questionamentos a experiências totalitárias, em discordância a modelos políticos em vigência, ou até mesmo por questões que abrangem poucos segmentos, no caso as próprias juventudes. O conceito de participação juvenil é algo em construção, tanto pelo perfil mutante das gerações juvenis como pela heterogeneidade dos grupos que representam as juventudes.

Ao entender participação, verificamos que ela está imbrincada aos conceitos de democracia e cidadania. Neste contexto, participação pode ser considerada como um recurso primordial para o exercício da democracia. É o que possibilita o fortalecimento político dos cidadãos.

Peruzzo (2004) observa que a participação popular implica uma decisão política e o emprego de metodologias técnicas e operacionais que a favoreçam. Muitos erros são vistos quando no emprego do conceito de participação para as culturas juvenis. Nos mais variados casos, credita-se aos jovens a necessidade de exercitar, por eles mesmos, o seu protagonismo. Porém, os jovens são atores sociais em construção e que, assim como as outras categorias sociais, necessitam de subterfúgios para o fortalecimento de



sua participação. Ainda de acordo com Peruzzo (2004), principalmente em matéria de comunicação, de participação nos meios de comunicação de massa e das NTIC, não basta incentivar o envolvimento, é necessário criar canais para tanto e mantê-los desobstruídos (PERUZZO, 2004).

COMUNICAÇÃO E REDES SOCIAIS

Ao se conversar sobre participação juvenil deve-se ter em mente também as estratégias utilizadas para que haja a real participação das juventudes nos processos de construção e reconstrução de uma sociedade. Trata-se de reconhecer as juventudes como uma categoria social que discute, interage, traduz medos e angústias, além de fortalecer relações entre si.

Jovens de vários lugares do planeta, hoje, vivenciam espaços novos de aproximação, onde podem esclarecer dúvidas, conhecer problemas próximos ou distantes de suas realidades, assim como construir uma ligação com outros jovens. Um exemplo de exercício e nascimento de um outro tipo participação são as redes sociais, evidenciadas assim como mecanismos de interação e mediação, esbarrando nas formas tradicionais de comunicação que têm os meios tradicionais de comunicação como ferramentas principais, e construindo um processo democrático com o auxílio das NTIC.

Um dos conceitos hoje muito utilizados para se designar sociedade civil é o de que ela é uma esfera social onde surgem e se organizam “associações voluntárias”. Estas associações estão aparte ao mercado e ao Estado, trazendo como principal ator e agente de construção o próprio cidadão. Porém, não se pode pensar apenas a sociedade civil enquanto uma esfera desvinculada do mercado ou Estado, pois o cidadão vivencia cotidianamente uma síntese das três esferas mencionadas (SCHERER-WARREN, 1999). Os movimentos sociais são assim as principais associações voluntárias por terem dado preciosa contribuição para que a sociedade se tornasse organizada de fato.

No que se refere aos movimentos sociais, de acordo com Scherer-Warren (1993), eles

não podem ser pensados, apenas, como meros resultados da luta por melhores condições de vida, produzidos pela necessidade de aumentar o consumo coletivo de bens e serviços. Os movimentos sociais devem ser vistos, também (e neles, é claro, os seus agentes), como produtores da História, como forças instituintes que, além de questionar o Estado autoritário e capitalista, questionam, com sua prática, a própria



centralização/burocratização tão presentes nos partidos políticos (SCHERER-WARREN *apud* REZENDE, 1993, p.51).

Os primeiros a constituírem redes e a pensarem nessa forma de congregar pessoas, com um propósito que vai além das lutas interclasse ou contra ditames governistas, foram os movimentos sociais (SCHERER-WARREN, 1993). Pelo que observa Scherer-Warren (1993), existem quatro fases de teorização relativas à história e caracterização dos movimentos sociais latinoamericanos: primeira fase, do começo do século XX até a década de 1970; segunda fase, os anos 1970; terceira fase, os anos 1980; e quarta fase, a perspectiva para os anos 1990⁴.

A emergência dos novos movimentos sociais (NMS) no Brasil aconteceu, basicamente, entre as décadas de 1970 e 1980, possibilitando a criação de novos sujeitos coletivos e demarcando um novo processo de participação popular. O surgimento dos NMS se deu com o objetivo de estabelecer “um novo equilíbrio de forças entre Estado e sociedade civil, bem como no interior da própria sociedade civil nas relações de força entre dominantes e dominados, subordinantes e subordinados” (SCHERER-WARREN, 1993, p.50). Nesse período também se deu a emergência e firmação das organizações não governamentais (ONGs), caracterizadas por sua origem caritativa e filantrópica (GOHN, 2008). Pelo que observa Gohn (2008), nessa época,

as ONGs eram instituições de apoio aos movimentos sociais e populares, estavam por detrás deles na luta contra o regime militar e pela democratização do país. (...) elas se preocupavam em fortalecer a representatividade das organizações populares, ajudavam a própria organização a se estruturar, e muitas delas trabalhavam numa linha de conscientização dos grupos organizados (GOHN, 2008, p.89).

As ONGs surgiram ainda, e principalmente, como agentes pressionadores do governo, tendo um papel fundamental na queda da ditadura do Brasil. Pelo que assegura Paiva (2003) “tinha nascido um modelo de comprovada eficiência para o fortalecimento da sociedade civil organizada, capaz de continuar influenciando na preparação do país para o futuro” (PAIVA, 2003, p.78).

A década de 1980 vê ainda uma outra forma de dinamização dos movimentos sociais e demais organizações da sociedade civil: a criação de redes de movimentos e coletivos sociais locais e globais. Essa nova forma de aglutinação de pensamentos,

⁴Na época dos escritos, a década de 1990 ainda estava começando, por esse motivo também irei conversar posteriormente sobre uma outra fase, as redes sociais fortalecidas pelas NTIC.



descobertas e lutas entre movimentos sociais e organizações da sociedade civil serviu para mostrar uma mudança estratégica de cenário.

Ao passo que hoje se inaugura uma era de trocas informacionais intensas, vê-se uma transformação crescente na forma como se entende comunicação. Em primeiro lugar, não se deve deixar de entendê-la enquanto algo inerente ao ser humano. E justamente por ser inerente é que o ser humano trabalha constantemente na criação de novas formas de comunicação e na potencialização das existentes.

Entende-se também que a comunicação está para além da troca informacional entre um ou dois indivíduos. Com o surgimento da sociedade moderna, este modelo comunicacional foi incrementado por outras formas de comunicar, interagir e informar. E o que se vê hoje é a transformação crescente das possibilidades de troca entre várias pessoas, de diferentes partes do mundo.

Pelo que observa Martino (2001), “comunicar é simular a consciência de outrem, tornar comum (participar) um mesmo objeto mental (sensação, pensamento, desejo, afeto)” (MARTINO, 2001, p.23). E mais que isso, comunicar hoje é trocar experiências e vivências, é construir e reconstruir coletivamente conceitos, tendências, discursos. É dar a possibilidade para que todos exerçam lugar comum nas mais variadas esferas comunicacionais. Porém, tanto o lugar, como a forma e a apropriação das informações pelos indivíduos se dá de maneira desigual. Um exemplo é a forma com que diferentes jovens têm contato com as NTIC. Não se pode esperar que um deles, que reside em determinada comunidade periférica de algum centro urbano, que acesse à internet pelo computador de uma *lanhouse*, pagando por algumas horas o que economizou por dias, aproprie-se da mesma forma das NTIC que um outro jovem que possua internet banda larga em casa, durante todo o dia.

Mesmo com a forma desigual de apropriação, não há como negar que houve uma transformação brusca nas formas de interação entre pessoas. Com as NTIC,

em vez de nos deslocarmos apenas entre redes de conhecidos, como nos movemos de um contexto que conhecemos para outro, o que ocorre hoje é que lidamos com diferentes pessoas (conhecidas ou não) numa série de contextos, relacionadas com diferentes redes ao mesmo tempo, eventualmente, e muitas vezes sem nenhuma prioridade específica (COSTA, 2008, p.34).

No Brasil, estima-se que hoje já se tenha ultrapassado a quantidade de 64,8 milhões de pessoas em contato com a Internet (IDGNOW, 2009). E um dado ainda a



destacar é o percentual de pessoas que procuram por comunidades virtuais. Somente no mês de julho, o *Orkut*, rede social mais popular entre os brasileiros, foi utilizado por 87% dos internautas (IDGNOW, 2009). Porém, mesmo que hoje a Internet seja um dos mecanismos de participação e interação social que mais ganha adeptos, não se pode deixar de lado o papel das instituições como mediadoras da interação social, pois são elas que, apesar das crises que vêm enfrentando, que nos fazem compreender nosso papel na sociedade (COSTA, 2008).

Também é necessário ir mais além e reconhecer que os problemas econômicos, políticos e sócio-culturais existentes entre diferentes etnias e povos não serão resolvidos rapidamente com a utilização das novas mídias. Há que se entender que, em uma sociedade onde há problemas sociais abusivos, todo e qualquer novo mecanismo informacional irá, de alguma forma, evidenciar e/ou potencializar a crise existente. Em um primeiro momento, estar conectado deveria ser não estar excluído. Porém, o que acontece é o contrário.

Hoje, o que há é uma “desigual participação nas redes de informação” (CANCLINI, 2007, p.237). Isto se combina “com a desigual distribuição midiática dos bens e mensagens daquelas culturas com que interagimos” (CANCLINI, 2007, p.237). O ideal seria então conhecer todos os povos, suas práticas e cultura, e também todas as formas de hegemonia existentes, tanto impostas pelos modelos estatais da atualidade como pelo discurso dos meios convencionais de comunicação, e isso implica em “socializar-se na aprendizagem das diferenças, no discurso e na prática dos direitos humanos interculturais” (CANCLINI, 2007, p.237).

COBERTURAS JOVENS

Os(as) jovens produtores(as) e divulgadores(as) de informação, que realizam as coberturas jovens, fazem parte também de uma rede. Todos participam da Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores e Comunicadoras, a qual, eventualmente, tem as coberturas jovens como produto e espaço de aproximação dos agentes participantes da Rede.

As coberturas são espaços de investigação jornalística realizadas em eventos que fogem à rotina dos meios de comunicação. Para a cobertura, os meios designam, dependendo do veículo, repórteres, fotógrafos, cinegrafistas, responsáveis pela averiguação dos fatos (KOTSCHO, 1995). No caso das coberturas jovens, são os próprios jovens que acompanham o fato, normalmente voltado para temáticas de



interesse juvenil. São espaços de interação onde os adolescentes e jovens se encontram, discutem, produzem e mostram sua percepção sobre o que está acontecendo durante o evento. Além da versão que a mídia jornalística oferece aos interessados sobre a temática, as coberturas jovens oferecem a versão de quem participa e de quem é o principal agente mobilizador da discussão: o jovem.

Os jovens que participam das coberturas jovens fazem parte também da Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores e Comunicadoras do Brasil. Ela pode ser caracterizada como uma rede social onde jovens, de vários lugares do país, produzem, divulgam e congregam informações, além de se encontrarem em espaços *on line* de conversação, onde discutem as novas atividades da rede e onde, possivelmente, será a nova cobertura jovem.

As coberturas jovens acontecem em eventos que trazem as juventudes como foco. São iniciativas da ONG Projeto/Revista Viração, por meio do projeto Agência Virajovem de Notícias. A Agência teve origem no V Fórum Social Mundial (2005), quando a Revista Viração e o Projeto Agente Jovem, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), promoveram a cobertura jovem do evento. A ideia do projeto é manter uma equipe de adolescentes e jovens que produza, diariamente, durante o evento, textos, vídeos e produtos radiofônicos, sobre os diversos temas ligados aos jovens e adolescentes, tratados nas atividades que compõem os eventos.

Os jovens, nas coberturas, utilizam-se das NTIC tanto para informar outros jovens a partir de produções próprias, como também para estabelecer contato com mais jovens. Por acontecerem em eventos que têm a temática da juventude como foco, as coberturas jovens estabelecem um espaço de interação entre este jovem participante do evento, com o que também está lá presencialmente e, também, com o que não, mas que acompanha pela internet o que está sendo discutido. É importante destacar, ainda, que para participar das coberturas não necessariamente os jovens devem possuir algum contato com as NTIC.

Assim como são diferenciados os jovens quanto aos gostos, posições políticas, grupos sociais, dentre outros aspectos, assim são também os jovens participantes das coberturas. E o espaço da cobertura auxilia o encontro destes vários jovens. Com esse encontro, o jovem passa também a conhecer a realidade do outro, a interagir com pessoas diferentes, e também, em alguns casos, até a trocar contatos para que esta interação não termine naquele espaço. O que se vê é que, em um período de revolução midiática, onde a internet tem ganhado espaço nos lares brasileiros, e mais ainda no



gosto dos jovens, o aspecto presencial não desaparece. E as coberturas jovens fomentam esta proximidade.

Este aspecto heterogêneo também é evidenciado nas discussões sobre a compreensão das redes sociais, chegando até a se formatar como um elemento definidor das redes. A formação de redes, seja entre organizações não governamentais ou movimentos sociais, mostram claramente uma articulação mais horizontalizada, e por isso mais aberta ao pluralismo e à diversidade (SCHERER-WARREN, 1999). Por as coberturas acabarem também exercendo um papel aglutinador e interacional entre jovens plurais e diversos, muitos dos jovens participantes das coberturas acabam se encontrando duas ou mais vezes nos espaços. Isso tem facilitado aos jovens uma maior relação com outros jovens, além de possibilitar o fortalecimento de uma rede de jovens interessados em discutir a comunicação e de empregá-la como uma forma de reconstrução da sociedade. No caso das coberturas jovens propostas pela ONG Viração, o encontro destes vários jovens acabou proporcionando a criação da Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores e Comunicadoras do Brasil.

A Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores e Comunicadoras do Brasil, uma nova articulação das juventudes pelo Direito Humano à Comunicação no país, foi criada em abril de 2008, durante a Cobertura Jovem da Conferência Nacional de Políticas Públicas para as Juventudes, promovida pela Revista Viração, em Brasília (DF). Desde então, entidades não-governamentais, grupos juvenis e movimentos sociais de vinte e três estados do Brasil integram a Rede, que visa contribuir para criar espaços de diálogo e atuação em torno das políticas públicas de comunicação para adolescentes e jovens do Brasil.

Os jovens participantes da Rede, de alguma forma, estão em contato com organizações sede, seja como ingressos em projetos ou como educadores. Tais organizações possibilitam o suporte à participação destes e destas jovens. No caso da Rede de Comunicadores e Comunicadoras, a organização sede é o projeto Viração, situada em São Paulo (SP), e que conta com a parceria de várias outras organizações e associações no Brasil. No Ceará, a organização parceira é a ONG Catavento Comunicação e Educação.

Assim como a Rede de Comunicadores e Comunicadoras, existem várias outras redes no Brasil, que congregam recursos humanos mobilizados, ONGs, movimentos populares, cidadãos informais interessados, líderes políticos, etc. (SCHERER-



WARREN, 1999), com a característica principal de aproximar organismos com fins parecidos a fim de fortalecer ações em rede.

O conceito de rede foi incorporado pelas Ciências Sociais na década de 1940 (SCHERER-WARREN, 1999). Para esse trabalho, emprego o termo rede a partir de um sentido sociológico, por seu aspecto principal, que é o de articulação política, ideológica ou simbólica (SCHERER-WARREN, 1999). No entanto, não se pode esquecer as contribuições de outras áreas de conhecimento na construção do conceito de redes, pois “como o conhecimento é dinâmico, diferentes autores têm combinando de maneira variada as contribuições disciplinares que lhes parecem válidas, tornando as abordagens cada vez mais multidisciplinares” (SCHERER-WARREN, 1999, p.22). Outra visão que utilizo sobre redes sociais é aquela vinculada ao processo tecnológico, onde jovens de todo mundo se interconectam pelas NTIC.

Para que uma rede seja realmente constituída o essencial é pensá-la enquanto um espaço de trocas e de construção horizontal, onde todos têm vez e voz, repensando o modelo unificador, e acreditando em uma forma plural de congregar atores e atrizes sociais diferenciados. A Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores e Comunicadoras do Brasil é uma das formas de se discutir este modelo horizontal, sendo as coberturas jovens espaços presenciais, onde os atores participantes desta rede evidenciam algumas de suas ações.

As lutas dos movimentos sociais são um contraponto às formas hegemônicas de poder. E as redes sociais surgiram como uma nova ferramenta de convergência de forças. As redes sociais aqui discutidas tanto são evidenciadas por seu caráter sociológico como por sua característica tecnológica. Porém, uma está intrinsecamente ligada a outra por a primeira possuir a segunda como uma das principais ferramentas de interação. As NTIC, além de trazer uma ideia democrática de participação e produção social da informação, também dá a capacidade do auto-gerenciamento dos meios utilizados.

Na década de 1990, diferentes movimentos, seja para construir uma atividade em comum ou para potencializar a discussão acerca de uma temática definida, começavam a se interconectar pelas páginas da *web*, formando um universo próprio (ANTOUN, 2008). Ainda em relação aos movimentos sociais e ao poder integrador da *web*, Antoun (2008) considera que



desde o início, a internet dera aos movimentos e às atividades sociais uma crescente emancipação em face das instituições e das comunidades tradicionais, permitindo que a informal fluidez dos movimentos sociais ganhasse força e duração através dos processos interativos da comunicação distribuída em rede (ANTOON, 2008, p.18).

As NTIC são grandes aliadas para as coberturas jovens realizadas pela Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores e Comunicadoras. Para se realizar uma cobertura, além de se contar com jovens dispostos a participarem da atividade, há que também instrumentalizá-los para o contato com as NTIC. Os jovens atuais e, mais ainda, os que participam das coberturas, diferente de épocas anteriores, têm um contato maior com novas mídias. São celulares, máquinas fotográficas digitais, aparelhos portáteis para audição de músicas e gravação, todos eles recursos utilizados nas coberturas.

Em meio a este crescente uso das novas mídias, onde mais pessoas têm se deparado com a necessidade de se sentirem conectadas, teóricos de todo o mundo têm analisado se este contato ascendente com as NTIC deve ser considerado bom, ou se seria apenas um espectro de algo que não é e nunca será verdadeiramente democrático. Martín-Barbero (2008) é um dos teóricos que observam que tanto as novas tecnologias podem auxiliar positivamente a uma contraposição a modelos vigentes, como acentuar antigos problemas. Para ele, “as tecnologias não são meras ferramentas transparentes; elas não se deixam usar de qualquer modo: são em última análise a materialização da racionalidade de *uma* certa cultura e de um 'modelo global de organização do poder' (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.259). Quando entra nesta questão, Martín-Barbero (2008) analisa as diferenças culturais de uma dada nação a outra, justificando que seja pelos meios tradicionais de comunicação, na constituição política e econômica de um país, ou mesmo nas formas culturais de representação de cada esfera, existem dominantes e dominados, e que as novas mídias seriam mais uma forma de controle e hegemonia e, claro, de luta contra essa hegemonia.

Não se pode mais pensar os jovens alheios ao mundo, sem que, em muitos casos, tenham uma posição crítica consistente. Assim como outras parcelas da sociedade, o jovem também possui linhas de interesse, o que o fez conquistar grande espaço nos meios tradicionais de comunicação e mais ainda no mundo cibernético. Mais do que em um espaço consolidado, estes jovens estão em um momento de expansão.



As novas ferramentas de interação social, criadas e potencializadas precisamente a partir do advento da internet e das novas tecnologias de informação e comunicação, trouxeram a este jovem a oportunidade de ser sujeito na divulgação de informações, nas quais muitas vezes ele se encontra como principal ator social.

O papel da Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores e Comunicadoras é o de auxiliar essa relação, de suscitar uma maior integração social entre os jovens participantes da Rede. Assim como, é papel também das coberturas jovens criar um meio de interação entre mais jovens, seja em aspecto presencial nas próprias coberturas como não presencial, quando os jovens acessam o site construído propriamente para a cobertura, e quando participa dos diálogos em bate-papos virtuais, levando a discussão suscitada nestes espaços ao seu local de origem.

MOMENTO DE CONSTRUIR

O trabalho aqui apresentado traz uma reflexão sobre as possibilidades de participação juvenis. A discussão perpassa o cotidiano dos jovens, que mesmo com muito, pouco ou sem contato algum com as NTIC estão inseridos na discussão sobre o que é estar conectado. Será o jovem conectado apenas aquele que possui contato direto com as NTIC?

Vejo que conexão está para além da aproximação com tecnologias. Estar conectado é ter o direito a ser, existir, ter e, mais ainda, a viver. Ao jovem se remete muitas denominações, que vão desde as mais esperançosas até as caóticas. Enfim, a ele é requerido o máximo de envolvimento, de participação e de vontade de mudar o mundo. Mas será que todos os jovens estão preocupados com estas questões?

Ao discutir sobre as juventudes e sua heteronomia vejo que questões como essas nunca poderão ser respondidas. Os jovens são seres diversos, diferentes, que experimentam realidades diferenciadas, gostos, sensações e medos diversos. E mesmo diversos, os jovens também buscam outros em quem se espelhar e com quem se reunir. As NTIC se configuram assim como uma potencial ferramenta para que eles extrapolem fronteiras, busquem novos mundos e novos atores e atrizes com quem se relacionar.

As coberturas jovens me remetem esta busca do jovem pelo outro. Ao trazer um questionamento próprio para um portal, ou mesmo, ao entrar em contato com outros jovens também diferentes vindos de vários lugares do Brasil, este jovem participante da cobertura está construindo laços. E esta construção é fortalecida em rede. Daí a



necessidade de mais participação juvenil no processo de construção desses espaços. Não adianta gerar espaços sem que os jovens estejam realmente interessados em participar.

A Rede de Adolescentes e Jovens Comunicadores e Comunicadoras do Brasil traz a possibilidade para que jovens atores e atrizes construam. E, no momento, acredito que discutir comunicação é um dos importantes objetivos desta Rede, mas não o essencial. O essencial nesta rede é gerar comunicação entre os mais variados atores e atrizes. É estabelecer o contato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTOUN, Henrique. **Perspectiva histórica** – De uma teia à outra: a explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa. In: ANTOUN, Henrique. Web 2.0 – Participação e Vigilância na Era da Comunicação Distribuída. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

COSTA, Rogério. **Por um novo conceito de comunidade**: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. In: ANTOUN, Henrique. Web 2.0 – Participação e Vigilância na Era da Comunicação Distribuída. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil** – Movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios de sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IDGNOW. **Número de internautas no Brasil cresce 10% em um mês, aponta Ibope**. 2009. Disponível em: <<http://idgnow.uol.com.br/internet/2009/08/20/numero-de-internautas-no-brasil-cresce-10-em-um-mes-aponta-ibope/>> Acesso em: 25 out. 2009.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARTINO, Luiz C. **De qual comunicação estamos falando?** In: Teorias da Comunicação: Conceitos, escola e tendências. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISCHE, Ann. **De estudantes a cidadãos**: Redes de jovens e participação política. In: PERALVA, A.T; SPOSITO, M.P (org). Revista Brasileira de Educação. no. 5 e 6. São Paulo: Anped, 1997.

NOVAES, Regina e VITAL, Christina. **A juventude de hoje**: (re)invenções da Participação social. In: THOMPSON, Andrés A. (org.) Associando-se à juventude para construir o futuro. São Paulo: Peiropólis, 2005.



PAIVA, Flávio. **O papel político das ONGs**. In: FIEGE, Hans-Jürgen. ONGs no Brasil: perfil de um mundo em mudança. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2003.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

PERUZZO, Círcia M. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 1993.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem Fronteiras**: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.